

“O homem, que é a única criatura que Deus dotou de vontade, não se pode encontrar completamente a si mesmo a não ser através de uma dádiva sincera de si mesmo.”

Concílio Vaticano II, Gaudium et Spes, #24

Linguagem corporal: Dizendo a Verdade com os Nossos Corpos

Na novela *The End of the Affair* de Graham Greene, uma mulher chamada Sara fez um voto de viver em castidade. Frustrada pela dificuldade envolvida, ela desejou impulsivamente não ter um corpo. Mas, depois, ela contempla uma cicatriz no corpo de Maurice, o homem que ela ama. Ele ficou com a cicatriz ao proteger um homem de uma parede que estava a cair, e ela dá-se conta de que deseja que essa cicatriz exista para sempre. “Então comecei a querer o meu corpo que eu detestava, mas apenas porque ele poderia amar aquela cicatriz,” pensou ela. “**Nós podemos amar com as nossas mentes, mas podemos amar somente com as nossas mentes?**”¹

Sara chegou à mesma conclusão que levou o Papa João Paulo II a apresentar o que é conhecido por “teologia do corpo.” Enquanto as pessoas pensam, por vezes, que o Cristianismo desvaloriza o corpo, a verdade é exactamente oposta: O Cristianismo celebra o corpo, porque o corpo humano é o presente de Deus que nos ajuda a amar.

O amor é invisível. Apesar do que se vê em desenhos de cartão, os corações e cupidos não saltam à volta de quem ama. Como é que, então, mostramos a outra pessoa que a

amamos? A Sara acertou na resposta: com os nossos corpos. **Os nossos corpos tornam visível o amor que se dá de si mesmo.** O amor humano exprime-se por sorrisos, apertos de mão, abraços — e através de mil-



hares de outras acções corporais.

Pense no amor dos pais para com os seus filhos. Uma mulher partilhava sua experiência de se sentir oprimida pelo trabalho repetitivo que é necessário para manter uma casa em ordem. Enquanto arrumava

a roupa lavada, reparou numa camisa que ela tinha lavado inúmeras vezes para os vários filhos.

“De repente senti-me atingida por uma ponta de auto-compaixão – a futilidade de tudo isso. E gritei: “Deus, ajudai-me! Quantas vezes vou ainda lavar esta camisa? Porquê este trabalho repetitivo?” Quase imediatamente, o Senhor trouxe-lhe à mente um pensamento simples mas maravilhoso: “Pensa em quantos filhos tens podido amar, semana após semana, através desta pequenina camisa.”²

O corpo é como essa pequena camisa: fala uma linguagem de amor.

O Amor Especial do Matrimónio

A maior parte do amor (como o amor dos pais) não é sexual. O corpo, como vimos, tem um papel importante a desempenhar na expressão do amor total, mas está especialmente enquadrado para a expressão do amor entre marido e mulher. A nossa masculinidade ou femininidade estão desenhados de modo a nos podermos dar a alguém do sexo oposto num abraço esponsal face a face. Todo o corpo humano, na sua diferenciação sexual masculina ou feminina, revela que fomos totalmente feitos para o

amor frutificante e de dádiva.

Alguns de nós somos chamados ao amor de auto-doação de uma forma sobrenaturalmente intensa através da vida religiosa consagrada de irmãs ou irmãos, ou como sacerdotes — por outras palavras, celibatários. Eles sacrificam a vida familiar para se tornarem mães e pais espirituais. Outros vivem a sua fecundidade na castidade da vida de leigos solteiros. Aqueles de nós que somos chamados ao matrimónio realizamos a possibilidade da dádiva pessoal sexual no amor matrimonial que é total, para toda a vida, exclusivo e aberto à vida.

Por outras palavras, **os esposos e esposas exprimem a sua forma especial de amor — o amor por toda a vida e portador da vida no matrimónio — com uma forma especial de linguagem corporal: a linguagem do sexo, o acto conjugal.**

O amor sexual é uma forma específica de amor, no qual o corpo expressa o desejo de estar com a outra pessoa para sempre. O acto conjugal pode comunicar este verdadeiro amor porque é inseparável da possibilidade de vida nova. Como fruto do amor matrimonial, os filhos encarnam o amor dos seus pais!

Entrega de Nós Mesmos no Sexo

A ligação intrínseca entre sexo, nova vida e amor de auto-doação tem sido esquecido na nossa cultura. O sexo é frequentemente encarado apenas como prazer. Evidentemente, o prazer sexual é uma coisa boa: antes de mais, foi Deus que o inventou! Mas é porque o sexo é necessário para a sobrevivência do género humano e deve ser expressão do amor de auto-doação, que Deus o fez fonte de prazer. Se o sexo se reduz apenas ao prazer, torna-se uma forma de mentira. O corpo diz “Amar-te-ei para sempre e terei filhos contigo,” mes-

mo quando a mente afirma: “Faço isto por prazer.”

Na relação sexual verdadeira e repleta de amor, a pessoa toda entrega o seu ser completo, sem reserva. Se reservamos alguma parte de nós mesmos (tal como a nossa fertilidade ou o nosso compromisso), não estamos, na verdade, a entregar-nos totalmente. Quando não nos entregamos totalmente, não estamos a amar como Deus nos criou para amar. E isso faz-nos infelizes e, de facto, sem liberdade.

Suficientemente Livres para Amar Completamente


Pensamos, às vezes, que a liberdade significa o direito de escolhermos o que quisermos, desde que ninguém fique magoado. Mas se escolhermos ir contra o plano de Deus para a nossa felicidade, acabamos por nos prejudicarmos a nós próprios e aos outros. A liberdade está primeiro e acima de tudo dirigida para algo: é a liberdade para amar.

A liberdade para amar permite ao homem “encontrar-se plenamente a si mesmo...através de um dom sincero de si mesmo,” como afirma o

Concílio do Vaticano II.³ Castidade é o nome da virtude que torna possível esta liberdade para amar: é a integração inteligente dos nossos desejos sexuais à luz da verdade escrita nos nossos corpos. A castidade torna-nos suficientemente livres para nos entregarmos. E só então podemos desabrochar como seres humanos.

Sem dúvida, Deus não nos pede que nos tornemos assim por nossos próprios meios. Conseguimos dominar a nossa autosuficiência apenas com a graça de Deus. Ele far-nos-á suficientemente livres para amar. E faz isso, antes de mais, através de sacramentos (tais como a Eucaristia, Reconciliação ou Confissão e Matrimónio ou Casamento).

Depois, tornamo-nos aptos para viver como Ele quer que vivamos: livres, santos, felizes. Então, podemos amar de verdade e expressar honestamente o amor com os nossos corpos. E somente aí, pode o sexo realmente afirmar o que foi criado para dizer: “Amo-te tanto que quero estar contigo para sempre e ter filhos contigo.”

Isto é dizer a verdade com os nossos corpos, a verdade que nos liberta.⁴ 

¹Graham Greene, *The End of the Affair* (New York: Penguin Classics, 1951), p. 110. ²Kimberly Hahn, “The World after the Wedding,” from *Catholic for a Reason*, vol. IV: *Scripture and the Mystery of Marriage and Family Life*, ed. Scott Hahn and Regis J. Flaherty (Steubenville, Oh.: Emmaus Road Publishing, 2007), p. 21. ³*Gaudium et Spes*, #24, www.vatican.va. ⁴Existem muitas fontes importantes acerca da teologia do corpo. Veja, por exemplo, o trabalho de Christopher West no site www.ChristopherWest.com.

THE FUTURE
DEPENDS ON
LOVE.
Marriage
LIFE LONG. LIFE GIVING.

MASSACHUSETTS CATHOLIC CONFERENCE
WEST END PLACE, 150 STANIFORD STREET, SUITE 5
BOSTON, MASSACHUSETTS 02114-2511
PHONE: 617.367.6060 ~ FAX: 617.367.2767
WEB: MASSCATHOLICMARRIAGE.ORG